



Pela derrota do sionismo e do imperialismo no Oriente Médio

A ação militar ofensiva, começada pelo Hamas contra territórios israelenses no último dia 09/10, surpreendeu a segurança israelense e estadunidense. Os 5 mil foguetes disparados inicialmente pelo Hamas sobre território israelense, a ocupação terrestre de vários locais, o assassinato de um membro do alto comando militar sionista, prisões de mais de 50 militares sionistas, a ocupação de assentamentos de colonos judeus, e de bases e veículos militares, revelaram a fraqueza defensiva sionista, assentada na prepotência de quem é um enclave regional da maior potência imperialista armamentista do mundo. Mais do que isso, mostraram a necessidade de os palestinos responderem os sucessivos ataques, prisões, massacres, assassinatos e destruição que o Estado sionista tem despejado sobre a nação oprimida que ocorrem há mais de 60 anos.

O ataque foi inicialmente executado pelas facções jihadistas da Faixa de Gaza, porém, já no domingo, o Hezbollah, do Sul do Líbano, também atacou Israel pelo Norte.

As potências imperialistas e seus vassalos correram para declarar apoio a Israel e se solidarizarem com as vítimas israelenses (ignoram e desprezam as vítimas do lado palestino). Do outro lado, a Rússia e o Irã se colocaram imediatamente ao lado dos palestinos. As burocracias russa e chinesa, logo após o anúncio de guerra pelo governo sionista, passaram a chamar as conversações pela “paz”. Na guerra entre opressores e oprimidos, a única situação a ser defendida é a que as massas em luta imponham com a força das armas ao imperialismo. “Paz”, sem acabar com a violenta opressão e sem destruir o Estado sionista, será a preservação da opressão sionista. As burocracias contrarrevolucionárias dos Estados Operários degenerados atuam pelo acordo com o imperialismo, como fazem em todas as circunstâncias (inclusive na Ucrânia – onde procuram preservar as bases do seu poder político e seus ganhos, a propriedade nacionalizada). Na Palestina, sua política preserva as bases materiais da opressão nacional sobre os palestinos, e colabora assim com o imperialismo.

O relativamente forte armamento do Hamas e o

posicionamento dos países ao redor do conflito revelam os choques de interesses mundiais que têm atravessado cada conflito regional nas últimas décadas. Em grande medida, a compra de milhares de foguetes e demais munições pelo Hamas foi favorecida pelas sanções imperialistas contra Rússia, China e Irã. Incrementou-se o comércio de armas e demais insumos de forma informal, com pagamento em ouro ou outras moedas, que não o dólar. Por meio desse comércio “por fora” das transações controladas pelos EUA e Europa, as armas vieram parar com os jihadistas em grande número e variedade. Outro elemento é que também aí se chocam as forças econômicas do imperialismo em decomposição com as dos estados operários degenerados (Rússia e China), nacionalizadas pelas revoluções proletárias, e que disputam palmo a palmo a influência na economia mundial. Por conta da guerra na Ucrânia, que esvaziou os estoques de armamentos das potências contra a Rússia, criou-se uma situação em que os EUA terão de decidir se impulsionam a ajuda militar a Israel, com o objetivo de destruir o Hamas na Palestina, ou se mantêm a ajuda militar à Ucrânia, que pede a cada dia mais armamentos e insumos. Qualquer decisão enfraquecerá uma das duas frentes militares, favorecendo o outro campo.

As organizações nacionalistas islâmicas expressam as contradições entre a opressão nacional exercida pelas potências, tendo o Estado sionista de Israel como seu enclave, e os povos árabes submetidos e violentamente subjugados, nesse caso, os palestinos. O fracasso do nacionalismo laico dos anos de 1960 em deter o aumento da opressão nacional na região, nacionalismo que ou foi liquidado pelo imperialismo ou se tornou em pró-imperialista, abriu caminho para que o nacionalismo religioso, islâmico, assumisse a posição de defesa nacional. A política dos dois estados, que seriam Israel e Palestina, levou ao aumento da opressão em todas as suas formas, de um sobre o outro. A palestina jamais poderá consumir sua autodeterminação nacional e constituir seu Estado enquanto o Estado sionista continuar em pé. A defesa dos “dois Estados”, levou ao abandono da meta

de destruição do Estado de Israel por algumas das organizações palestinas, e agora está nas mãos dos jihadistas. Ainda que com seus métodos terroristas, passaram a combater de todas as formas possíveis a imposição imperialista na região e seu enclave sionista. O terrorismo individual é estranho aos métodos coletivos do proletariado (que não excluem o terrorismo de classe). Nem por isso leva a classe revolucionária se colocar politicamente “neutra” num conflito entre a burguesia mundial e seus tentáculos, e as nacionalidades oprimidas. A política proletária combate a burguesia mundial em todos os terrenos possíveis. Diante de todo e cada um dos conflitos entre o imperialismo e uma nacionalidade oprimida, com quaisquer que sejam os métodos usados por esta para se defender e atacar a opressão imperialista, cabe ao proletariado, aos oprimidos e à vanguarda com consciência de classe estar ao lado da nação oprimida contra a nação opressora. Por isto, desde já nos colocamos incondicionalmente pela **DERROTA MILITAR DO IMPERIALISMO E DE SEU ENCLAVE SIONISTA NA PALESTINA!**

Não se pode desligar o conflito na Palestina com o que acontece na Ucrânia. Em ambos, as forças do imperialismo e dos estados operários degenerados estão em choque. Em ambos, interessa ao proletariado mundial a derrota militar do imperialismo, e da OTAN, bem como de seus enclaves. A derrota do imperialismo em um país favorece a luta anti-imperialista no outro, e no mundo inteiro. O enfraquecimento do imperialismo favorece que o proletariado avance na construção de seus organismos próprios e independentes de luta contra a burguesia mundial e nacional, e na luta pela Revolução Política nos países em que burocracias expropriaram o poder político da classe operária sobre seu estado. Favorece ainda os povos e nações oprimidas na luta pela sua autodeterminação nacional.

Os palestinos ainda não possuem sua organização política proletária com independência de classe em relação à sua burguesia nacional e os movimentos jihadistas. Não possuem seu partido proletário revolucionário. Aí está o maior limite à ofensiva que se desencadeia hoje contra o Estado sionista. Trata-se de uma ofensiva manejada pelas organizações nacionalistas, portanto, burguesas e pequeno-burguesas, contra a opressão nacional. Ainda que as apoiemos militarmente na sua luta contra o enclave do imperialismo na região, mantemos nossas críticas quanto aos seus métodos e sua política. Defendemos a necessidade de que as massas sejam armadas para se defenderem e realizarem a ofensiva contra o Estado opressor, para recuperarem suas terras tomadas pelo

militarismo sionista, tomando em suas próprias mãos a luta pela derrota militar do sionismo e seu amo imperialista.

A luta contra a opressão nacional, que certamente afeta mais agudamente os palestinos, é uma luta de todas as massas exploradas da região. Os governos burgueses, em grande parte, são subalternos ao imperialismo, e são correia de transmissão da superexploração do trabalho e das riquezas naturais. A necessidade de apoio mútuo entre as nacionalidades e oprimidos desses países coloca a necessidade de unidade revolucionária na luta anti-imperialista. O avanço da revolução proletária na Palestina, que depende de o proletariado estar politicamente à frente dessa luta como direção, aponta para a necessidade de caminhar no sentido de uma federação de estados operários no Oriente Médio, os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio. Esse objetivo estratégico permite desenvolver a necessária unidade tática entre as distintas nacionalidades árabes na região em direção a um ponto comum, unitário.

E uma posição internacionalista consequente defende também ações que ajudem o lado oprimido contra o imperialismo em todas as partes do mundo. A convocação de atos de defesa dos palestinos e de seu direito a usarem todos os métodos para conquistar suas reivindicações, de boicote às empresas sionistas, de greves e paralisações de fabricantes e de transporte de insumos para o estado sionista na guerra, tudo isso é necessário para erguer um movimento internacionalista em defesa do povo oprimido. Mas também a exigência de que o governo de cada país não se coloque ao lado dos opressores, de Israel e dos EUA, e de seus aliados e vassalos.

O governo Lula se colocou prontamente por condenar os ataques do Hamas contra Israel, e de convocar uma reunião do Conselho de Segurança da ONU para brevar a ofensiva militar. Demonstrou mais uma vez seu caráter pró-imperialista, de capacho dos EUA no cenário internacional. As centrais sindicais, os partidos e organizações de “esquerda”, que estão centralizados politicamente pelo governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin, também se negam a tomar uma posição clara e definida de apoio incondicional aos palestinos. As massas brasileiras estão sob uma crosta política e burocrática de sufoco a que expressem o anti-imperialismo. Terão de ultrapassá-la nas lutas pelas próprias reivindicações e com seus próprios métodos de luta, e organizadas com real independência de classe. As tendências de luta que se manifestam em várias regiões do mundo ajudam a forjar esse caminho. É preciso impulsioná-las!